

## Resenha

# Reindustrialização do Brasil: resenha de *Bidenomics* nos Trópicos

Reindustrialization of Brazil: review of *Bidenomics* in the Tropics

RONCAGLIA, André; BARBOSA, Nelson. *BIDENOMICS NOS TRÓPICOS*. 1. ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2021.

Júlio César Amorim Castro 

<sup>I</sup> Universidade de Ciência e Tecnologia de Miami , Miami, Flórida, Estados Unidos

O livro "*Bidenomics nos trópicos*", escrito por André Roncaglia e Nelson Barbosa, tem como objetivo o de fazer com que economistas e administradores públicos saibam o que a gestão Joe Biden está a fazer, na esfera econômica dos Estados Unidos, para fortalecer sua indústria com base em fortes investimentos públicos. Esta obra se mostra uma das mais importantes, nos últimos anos sobre desenvolvimentismo. O título faz referência "nos trópicos" por justamente convidar os leitores a refletirem sobre como as medidas econômicas de Biden podem ser um exemplo ao se debater a reindustrialização do Brasil.

O autor André Roncaglia, juntamente com Nelson Barbosa foram os organizadores deste livro. André é economista, professor na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e pesquisador associado ao Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap). Já escreveu, com o também economista, Paulo Gala, o livro "*Brasil uma economia que não aprende*".

Já Nelson Barbosa é pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia (FGV-Ibre) e professor na Escola de Economia de São Paulo (Eesp, FGV), e da Universidade de Brasília (UNB). É PHD em economia pela New School for Social Research, em Nova

York. Foi ministro do Planejamento e da Fazenda no governo Dilma Rousseff, e secretário de Monitoramento Econômico e Política Econômica do governo Lula, entre 2007 e 2010.

Este livro trata sobre as decisões heterodoxas, tomada pela gestão Joe Biden a partir do início de seu mandato, em 2021, mesmo ano do lançamento do livro. Quando assumiu a presidência, Biden logo apresentou três pacotes econômicos: um de socorro a sua economia, outro de investimentos na infraestrutura nacional e, ainda outro para geração de empregos. Juntos, somam US\$ 6 trilhões de investimentos (R\$ 32,16 trilhões ou o equivalente a 4,3 vezes o PIB brasileiro do ano passado).

"*Bidenomics nos trópicos*" é dividido em três partes com dezenove análises/artigos acadêmicos, que conta com a participação de vinte e dois economistas. Os diversos autores, cada um com uma tese apresentada, são referências no meio acadêmico nacional e internacional, inclusive, alguns trabalham em ministérios do atual governo Lula, enquanto outros tem vasta experiência com outros governos de diferentes vieses de pensamento econômico.

Na 1ª parte, os autores: João Romero, André Roncaglia, Luís Giesteira, Felipe Machado, Paulo Gala e Débora Cardoso introduzem o retorno do Estado Planejador nas políticas públicas dos EUA, após 40 anos de políticas neoliberais. Vejamos que nessa parte os autores descrevem ações que estão a serem tomadas no sentido de políticas heterodoxas em que se contrapõe a tendência de equilíbrio de mercado e decisões racionais por parte da ortodoxia econômica.

Quando se analisa a história, a grande "matéria prima" da ciência econômica, verifica-se que, após a cada onda de políticas de liberalização de mercados segue-se uma retomada da atuação reguladora do Estado, para proteger a sociedade das pressões e efeitos negativos das externalidades e subordinação das atividades humanas à lógica irrestrita do mercado. É comum as ideias ora serem aceitas e ora se tornarem refutadas perante os diferentes pensamentos das escolas em economia. O dito "consenso de Washington", recebe suas críticas diretas nesse livro visto que, não representa mais as necessidades de industrialização e reindustrialização dos países, muito menos de desenvolvimento econômico. Ainda mais atualmente, em que as cadeias de manufaturas estão concentradas no Oeste-asiático.

Gráficos e tabelas são expostos, também da economia brasileira, em relação entre as taxas de crescimento do *PIB per capita* do Brasil e no mundo de acordo com o PAEG, 1964 a 1967, Milagre Econômico Brasileiro, 1967 a 1973 e II PND, 1973 a 1979. Ainda se discute a “doença industrial brasileira”, tese defendida pelo notável economista David Kupfer, em que são discutidas nas três partes desse livro.

Na questão de desenvolvimento, existem três vertentes que defendem políticas necessárias para destravar o potencial produtivo de um país: os efficientistas, aberturistas e os inovacionistas. Todas elas são inter-relacionadas, nenhuma delas sozinhas, consegue abarcar a complexidade do problema do desenvolvimento econômico. Por isso o desenvolvimento das nações, quando verificadas por gráficos e análises matemáticas, se comportam como ciclos que em algum momento se apresentam ao crescimento, estagnação e/ou declínio.

Ao entrar, ainda mais na tese de David Kupfer, nessa primeira parte, os autores citam que o “atraso brasileiro é marcado por três condições”, a saber: 1) hiato produtivo, 2) deficiência de competitividade e 3) lacuna de inovação. É importante entender essa crítica visto que, em vários momentos da leitura os economistas “dialogam” com quais medidas Joe Biden está a tomar nos EUA e que sejam importantes para que nós, brasileiros tivéssemos decisões políticas e econômicas semelhantes a eles. É interessante entender e estudar, os temas abordados nesse livro visto que, alguns estudiosos dizem que o Brasil se desindustrializou antes mesmo de se industrializar.

Na última análise/artigos dessa 1ª parte é apresentado os impactos diretos e indiretos do crescimento do programa “bolsa família” na renda das famílias, a variação acumulada de 2009 a 2015. Política essa de renda defendida algumas vezes por Joe Biden, uma típica ideia do pensamento heterodoxo. Vejamos aqui que o programa “bolsa família”, com premiações recebidas entre diversas instituições internacionais pode se converter em renda básica universal. Ideia oriunda da Revolução Francesa, tema dos mais discutidos, não apenas, em décadas atrás pelo economista Milton Friedman, mas atualmente por muitos economistas de destaques como Thomas Piketty, entre outros.

Na 2ª parte do livro temos as contribuições de: Carlos Gadelha, Gustavo Serra, Gabriel Galípolo (atualmente diretor de Política Monetária do Banco Central do Brasil), Luiza Pires, Roberto Andrés, Guilherme Magacho, Camila Gramkow, Júlia Braga, Túlio

Chiarini e Uallace Moreira (atual secretário de Desenvolvimento Industrial, Inovação, Comércio e Serviços). Nessa parte os autores descrevem as ações que podem ser implementadas pelo Brasil ao seguir o exemplo das políticas industriais de Biden. Como por exemplo o nosso Complexo Econômico-Industrial da Saúde (CEIS), que tende a se tornar uma nova abordagem da política de desenvolvimento para o Brasil no setor de saúde.

Sabemos que a população mundial e a brasileira está a envelhecer em ritmo mais rápido do que nascimentos de crianças, e o setor de saúde é uma oportunidade para fazer do Brasil uma potência, não apenas por já termos aqui laboratórios e centros de vacinas de excelência, reconhecidos internacionalmente, mas por considerarmos este um ativo estratégico da economia brasileira. Diante disso, os investimentos por parte do Estado devem acontecer de forma efetiva, a exemplo do “plano Biden” que tem como objetivo financiar a pesquisa e desenvolvimento em inovação em diversas áreas.

“O plano Biden” vai investir US\$ 109 bilhões nas faculdades comunitárias norte-americanas com o objetivo de que 5,5 milhões de estudantes tenham acesso a um ensino superior gratuito. E não só isso, todos esses financiamentos acontecerão por parte de agências como a Defense Advanced Research Projects Agency (Darpa), Advanced Research Projects Agency Network (ARPA), o National Institute of Health (NIH), a National Nanotechnology Initiative (NNI), a Small Business Innovation Research (SBIR), entre outras.

A literatura desenvolvimentista mostra que, uma estratégia baseada na educação, só terá sucesso, se for combinada com uma política industrial que também forneça trabalho para pessoas instruídas. Portanto uma política industrial deve ser acompanhada de uma política educacional. A busca pelo desenvolvimento econômico é a formulação de políticas públicas intencionais que visem fortalecer a indústria existente e trazer novas em suas cadeias produtivas. Essa obra faz ricos debates diante dessa questão.

Observamos que quando se fala em heterodoxia o Estado tem que está presente em políticas educacionais e fazer, com que cada vez mais, as indústrias possam dialogar com a academia. As políticas de fortalecimento de ciência e tecnologia, assim como semicondutores e a transição verde requerem com que o capital público possa ser investido, para motivar o capital privado a também

contribuir com inovações incrementais e disruptivas, em seus respectivos setores de pesquisa. Ainda nessa parte, os economistas discutem o tema da última redação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), “economia do cuidado” e fazem um paralelo entre as políticas de Joe Biden com as políticas públicas que o Brasil já dispõe sobre o tema, o “bolsa família” é um programa da “economia do cuidado”.

Na 3ª parte e última parte desse livro, em os economistas: Rodrigo Orair, Nelson Barbosa, Manoel Pires, Bráulio Borges, Luiz Bresser-Pereira e Nelson Marconi, discorrem sobre as questões da reforma tributária, consenso fiscal, política monetária e financiamento público. Importante salientar que os autores fazem um paralelo entre a intenção do governo Joe Biden, de conciliar um objetivo mais conjuntural, como superação da crise social e econômica, com a progressividade tributária em comparação com a realidade tributária brasileira. Boa parte dos ricos norte-americanos pagam 15% de alíquotas enquanto a ideia é subir para, no máximo, 39,6%.

A literatura desenvolvimentista nos apresenta que os tributos existem como fonte financiadora ao Estado e que a progressividade tributária se faz necessária como um fator dos mais importantes na modernização econômica de um país. Diversos outros autores, dizem o mesmo: que diante do atual momento, por que passam as economias dos países, se faz urgente discutir uma reforma progressiva dos impostos no mundo em que a tributação dos bilionários e trilionários possa ser mais altas e efetivas. Com isso se tem a oportunidade de se fazer justiça social, econômica e ambiental.

Além de subir as alíquotas para os quem ganha mais e possuem inúmeros outros bens, a proposta do “plano Biden”, assim chamados no “jargão” dos economistas, é o de não apenas reformular as alíquotas tributárias, mas definir regras mais claras e simples para se evitar a elisão fiscal, um dos grandes problemas daquele país. Vejamos que essa proposta vai ao encontro da justiça econômica tão defendida pelos economistas socialistas e desenvolvimentistas.

As iniciativas fiscais de Biden são baseadas no princípio de gastar hoje e tributar depois (spend and tax). Os economistas, em diversos momentos ao final do livro fazem um paralelo entre as questões tributárias dos EUA e Brasil, suas semelhanças e diferenças. Fica claro que, em comparação com os norte-americanos, os brasileiros tem uma baixa tributação sobre a renda do trabalho. E que tanto a

dificuldade dos EUA, quanto do Brasil, é de cunho político exigindo, portanto, a negociação para apoio parlamentarem suas reformas tributárias.

Esse livro, "Bidenomics nos Trópicos", cumpre de fato seu objetivo: fazer com que a sociedade e o poder público reflitam sobre seus fatos históricos e como criar políticas de desenvolvimento econômico. O Brasil pode emular, essa experiência das políticas econômicas dos Estados Unidos: plano de resgate, plano de empregos e o plano de auxílio às famílias norte-americanas. Os autores, desse livro, citam economistas clássicos do desenvolvimentismo, como: Celso Furtado, Erik Reinert, Amsden, Rodrik, Myrdal, Keynes, entre outros.

Se a ortodoxia econômica defende que os indivíduos, o Estado e as organizações tomam decisões baseadas em expectativas racionais, a sempre buscar maximizar sua satisfação, a heterodoxia econômica critica a tendência de equilíbrio dos mercados a salientar que nem sempre as decisões são racionais. Todas as teses científicas, aqui apresentadas, vão ao encontro a nos apresentar que o desenvolvimento econômico só é conseguido através de políticas conscientes e intencionais com o objetivo de criar: rendimentos crescentes, inovação e sinergia, através da emulação.

Essa é uma obra econômica moderna, ao abordar diversos temas importantes da economia atual, ainda mais nesse ano de eleições presidenciais nos Estados Unidos. Uma leitura indispensável e direcionada não apenas para quem é economista, com parágrafos de fácil entendimento em que gráficos, tabelas e citações, são apresentados aos seus leitores. Não devemos esquecer que a ciência econômica é oriunda da filosofia, portanto ela tem que ser política social, ampla e de discussão pública, sendo assim, é um livro para todos que se interessam por indústria e gestão pública.

A grande mensagem desse livro é a de que, atualmente os EUA estão a tomar decisões políticas para reverterem sua desindustrialização e disparidades econômicas e sociais. Essas ações são um convite ao Brasil, para também tomar medidas que visem fortalecer sua indústria e convidar, outros setores de manufatura de alta complexidade a se instalarem em nosso país. A ascensão dos BRIC's oferece várias oportunidades nesse contexto; em que se discute a criação de novas cadeias globais de valor, além de novas rotas comerciais e fluxos e forma de pagamento internacional.

Diante dos debates atuais, como: indústria/economia 4.0, reforma tributária, reforma administrativa e reindustrialização (neindustrialização), o livro se mostra fundamental para a compreensão das políticas heterodoxas do governo de Joe Biden e para que essa iniciativa motive, os administradores públicos brasileiros a alinhar estratégias para a compreensão das relações políticas em prol do desenvolvimento econômico do Brasil.

## REFERÊNCIAS

AMSDEN, A. **A ascensão do "resto": os desafios ao ocidente de economias com industrialização tardia.** São Paulo: Editora da Unesp, 2009.

FURTADO, C. **Desenvolvimento e subdesenvolvimento.** Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

GALA, P.; RONCAGLIA, A. **Brasil, uma economia que não aprende.** 1. ed. São Paulo, 2020.

REINERT, E. S. **Como os países ficaram ricos...** e por que os países pobres continuam pobres. Rio de Janeiro: Centro Celso Furtado; Contraponto, 2016.

RONCAGLIA, A.; BARBOSA, N. **Bidenomics nos trópicos.** Rio de Janeiro: FGV Editora, 2021.

## Contribuição de autoria

### 1 – Júlio César Amorim Castro

Bacharel em administração, pela Universidade Estadual de Minas Gerais/UEMG, especialista em gestão de negócios pelo IBMEC e mestrando em administração pela MUST - Miami University of Science and Technology.

<https://orcid.org/0000-0003-2877-3614> • [juliocesarmetal@yahoo.com.br](mailto:juliocesarmetal@yahoo.com.br)

Contribuição: Escrita – primeira redação.

## Como citar este artigo

CASTRO, J. C. A. Reindustrialização do Brasil: resenha de Bidenomics nos Trópicos. **Econ. e Desenv.**, Santa Maria, v. 36, e88258, 2024. DOI 10.5902/1414650988258. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/1414650988258>. Acesso em: XX/XX/XXXX.